

ESPAÇO URBANO E TERCIÁRIO: UM OLHAR GEOGRÁFICO

Emilia Moreira (Profa. do DGEOC e do PPGG/UFPB)

Richarde M. da Silva (Mestrando de Engenharia Urbana da UFPB; pesquisador do LOGEPA/DGEOC/UFPB)

Ricélia Maria M. da Silva (Mestranda de Geografia da UFRN)

Ivan Targino (Prof. do Dpto. de Economia da UFPB)

Luis Gustavo de L. Sales (Mestrando de Ciências Sociais da UFRN)

Maria Gerlane de O. Correia (Geógrafa e Pesquisadora do LOGEPA/DGEOC/UFPB)

Wellington R. da Silva (Geógrafo; Pesquisador do LOGEPA/DGEOC/UFPB).

Resumo: Interessa a esse trabalho caracterizar o setor terciário numa cidade de médio porte, a cidade de Bayeux, através do estudo do setor de serviços, buscando compreender suas especificidades e verificar até que ponto esse setor atua como amortecedor para a crise do desemprego na localidade estudada.

Por mais que variem os conceitos do que constitui uma cidade, a maioria deles concorda em que se trata de um aglomerado de pessoas vivendo próximas uma das outras o que permite níveis de interatividade econômica, social, política e cultural. Dessa forma, entre outros aspectos, a cidade pode ser encarada como o *locus* privilegiado para a criação das condições básicas para o desenvolvimento econômico dos setores comercial e de serviços.

Segundo Corrêa (1989), o espaço da cidade capitalista, particularmente da grande cidade capitalista, é simultaneamente fragmentado e articulado uma vez que ele compreende uma variedade de formas de uso da terra interligadas entre si as quais:

“definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão” (CORRÊA, 1989: p.7).

Estas áreas se relacionam, se articulam e se integram entre si tanto através de fluxos de veículos e de pessoas associados às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos cotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes, para compras no centro da cidade ou nas lojas do bairro, às visitas aos parentes e amigos e às idas ao cinema, culto religioso, praia e parques, como através das relações espaciais envolvendo a circulação de capital, salários, juros, rendas, bem como a prática das relações de poder e ideológicas (CORRÊA, 1989). Nesse sentido, para Corrêa (1989), o espaço urbano

enquanto espaço simultaneamente fragmentado e articulado constitui a expressão espacial de processos sociais, isto é, constitui-se num reflexo da sociedade.

Esse espaço fragmentado e articulado é constituído por diferentes formas de uso da terra cada uma delas podendo ser entendida como forma espacial (CORRÊA, 1989). Esta forma espacial, porém,

“não tem existência autônoma, existindo porque nela se realizam uma ou mais funções, isto é, atividades como a produção e venda de mercadorias, prestação de serviços diversos ou uma função simbólica, que se acham vinculadas aos processos da sociedade. Estes são, por sua vez, o movimento da própria sociedade, da estrutura social, demandando funções urbanas que se materializam nas formas espaciais” (CORRÊA 1989: p.10).

O espaço urbano tem sofrido, ultimamente, uma série de transformações decorrentes da intensificação da globalização e da reestruturação produtiva dela decorrente. O acirramento da competitividade tem determinado várias mudanças no cenário econômico com fortes rebatimentos na organização espacial das cidades. Entre essas mudanças podem ser lembradas: a realocação de unidades industriais, a terceirização da produção e o fortalecimento do setor terciário. Além disso, observa-se o crescimento do desemprego estrutural, de modo que o espaço urbano suporta a cada dia um número maior de desempregados; mesmo aquelas cidades economicamente importantes também refletem essa característica dos centros urbanos modernos, principalmente nos países subdesenvolvidos.

No Brasil, assim como em outros países de industrialização tardia, o desenvolvimento tecnológico refletido na automação e na robotização do processo produtivo da indústria e de certos segmentos do setor terciário, agravou o problema do desemprego e o conseqüente surgimento de variações das formas de ocupação no mercado de trabalho nas cidades. Paralelamente, a modernização da agricultura e as mudanças no processo produtivo agrícola agravaram o desemprego no campo e estimularam o êxodo rural. O resultado combinado desses processos é expresso através do “inchaço populacional” dos centros urbanos e da sua incapacidade de absorver o excedente populacional que já se configura como “populações marginais”, na expressão de José Num (1978).

Desse modo, o aumento das aglomerações urbanas não coincide com a ampliação proporcional da oferta de empregos. Ao contrário, o que se observa é a diminuição da quantidade de postos de trabalhos no setor industrial em virtude não só da inovação tecnológica, mas também das inovações no gerenciamento do trabalho. O

setor industrial não se constitui na matriz de dinamização do emprego urbano. Nesse cenário, o setor terciário cresce em decorrência de pelo menos três fatores: a) pela absorção de postos de trabalho que foram retirados das unidades fabris pela focalização nas suas atividades essenciais, a exemplo dos serviços de limpeza, de segurança, de comunicação etc.; b) pelo crescimento de determinadas atividades surgidas no bojo do progresso tecnológico e; c) pela absorção dos trabalhadores desempregados que encontram nas atividades informais o escape de sua sobrevivência. Isto sem falar que as cidades maiores estão continuamente assediadas pelos fluxos migratórios procedentes seja da zona rural seja das cidades de menor porte. A esse respeito Guimarães Neto lembra que “a evolução do emprego (no setor terciário) está intimamente associada ao processo de urbanização e ao processo migratório” (1976: p.39).

Andrade (1980) chama a atenção para o notável crescimento das atividades terciárias no Brasil, particularmente a partir da década de 50. Ele também concorda que este fenômeno acha-se intrinsecamente interligado ao crescimento urbano-populacional que impulsiona a disponibilização de serviços, sobretudo no que tange às áreas sanitárias, bancárias, educacionais, de transportes, entre outras, para fazer face ao aumento do consumo e do bem estar da coletividade.

Santos (1979) afirma que à medida que o país se industrializa, a urbanização torna-se cada vez mais terciária. Segundo Dweck et al. (1992: p. 444) a terceirização da economia no Brasil do ponto de vista do emprego, assim como nos outros países capitalistas do mundo, reflete a principal mudança estrutural ocorrida nestas economias nas últimas décadas: em todos os países ocidentais o emprego nos serviços expandiu-se extraordinariamente.

Ao contrário do que ocorre nos países do primeiro mundo, onde o mercado de trabalho era praticamente formalizado, não sendo expressivo o segmento informal da economia, o crescimento do setor de serviços no mundo subdesenvolvido não é um indicador associado direta e perfeitamente ao desenvolvimento econômico, pois, uma grande parte da sua mão-de-obra encontra-se ocupada em atividades informais ou desempregada.

Dweck et al. (1992), retratando as facetas do setor de serviços no Brasil, ressaltam que a expansão da terceirização em países em via de desenvolvimento como o nosso, denota uma expressão de atraso, pois o aumento desse setor está relacionado a dois fatores: a) falta de uma política agrária eficaz, capaz de fixar o homem na zona rural, atuando, sobretudo, na distribuição mais justa de propriedades agrícolas e; b) a incapacidade na criação de novos postos de trabalho, principalmente no setor industrial, visando a absorção de uma grande parcela da população “subempregada” no setor terciário.

“Nessa perspectiva, grande parcela das atividades tradicionais de serviços seria a única possibilidade de ocupação de amplos setores da população, portadores de baixa qualificação, significando conseqüentemente, subemprego e exclusão social. O setor serviços assume, assim, uma função de colchão amortecedor, muitas de suas atividades servindo como refúgio dos desempregados da reestruturação industrial” (DWECK et al., 1992: p. 446).

Interessa a esse trabalho caracterizar o setor terciário numa cidade de médio porte, a cidade de Bayeux, através do estudo do setor de serviços, buscando compreender suas especificidades e verificar até que ponto esse setor atua como amortecedor para a crise do desemprego na localidade estudada.

O estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida com o apoio da Prefeitura Municipal de Bayeux, que teve por finalidade a realização de um diagnóstico dos setores da economia municipal e sua relação com a organização do espaço urbano. Este artigo restringe a discussão ao setor de serviços. Para sua realização, uma série de procedimentos e técnicas de pesquisa foi utilizada: a) levantamento bibliográfico e documental; b) levantamento de dados secundários junto ao IBGE (censos de serviços de 1970, 1980 e 1985) e ao IDEME (anúários estatísticos de 1995 e 2000); c) trabalho de campo que consistiu: no levantamento dos estabelecimentos de serviços existentes na cidade; na escolha da área e do número de estabelecimentos que constituiriam a amostra para aplicação dos questionários e na aplicação dos questionários. A amostra foi composta por 50 estabelecimentos de serviços distribuídos no Bairro do Centro. Para determinar o porte do estabelecimento investigado utilizou-se a metodologia adotada pelo SEBRAE para a classificação das empresas, a partir do número de pessoas ocupadas. A partir da utilização de um SGBD, foi gerado um banco de dados o qual foi interligado a um SIG permitindo a geração de mapas temáticos.

1. BAYEUX, UM MUNICÍPIO PEQUENO E ESSENCIALMENTE URBANO

O município de Bayeux, com uma área de 27,5 km², é um dos menores do estado da Paraíba. Ele situa-se na Microrregião de João Pessoa, localizada na porção central da Mesorregião da Mata Paraibana (v. fig. 1), a apenas 4 quilômetros da capital do Estado à qual se interliga através de dois eixos de circulação: a Br 230⁶ e a Avenida Liberdade.

⁶ No trecho que corta o município de Bayeux, a BR 230 confunde-se com a BR 101. A separação das duas rodovias ocorre no eixo limítrofe dos municípios de Bayeux e Santa Rita quando a BR 101 segue sozinha em direção à Natal e a BR 230 se desliga e segue em direção ao interior do estado.

Fig. 1



Fonte: IDEME, 1996.

Além de sua pequena dimensão territorial, o município acha-se limitado em sua expansão pela presença ao norte de ampla área de mangue e ao sul, pela existência de uma importante reserva de Mata Atlântica que constitui o parque ecológico da Mata do Xém-Xém (v. figs. 2 e 3).

Fig. 2



Vista Parcial da vegetação de mangue encontrada na planície flúvio-marinha (margem esquerda do Rio Sanhauá) ao norte da cidade de Bayeux. (Foto: Rejane Abreu).

Fig. 3



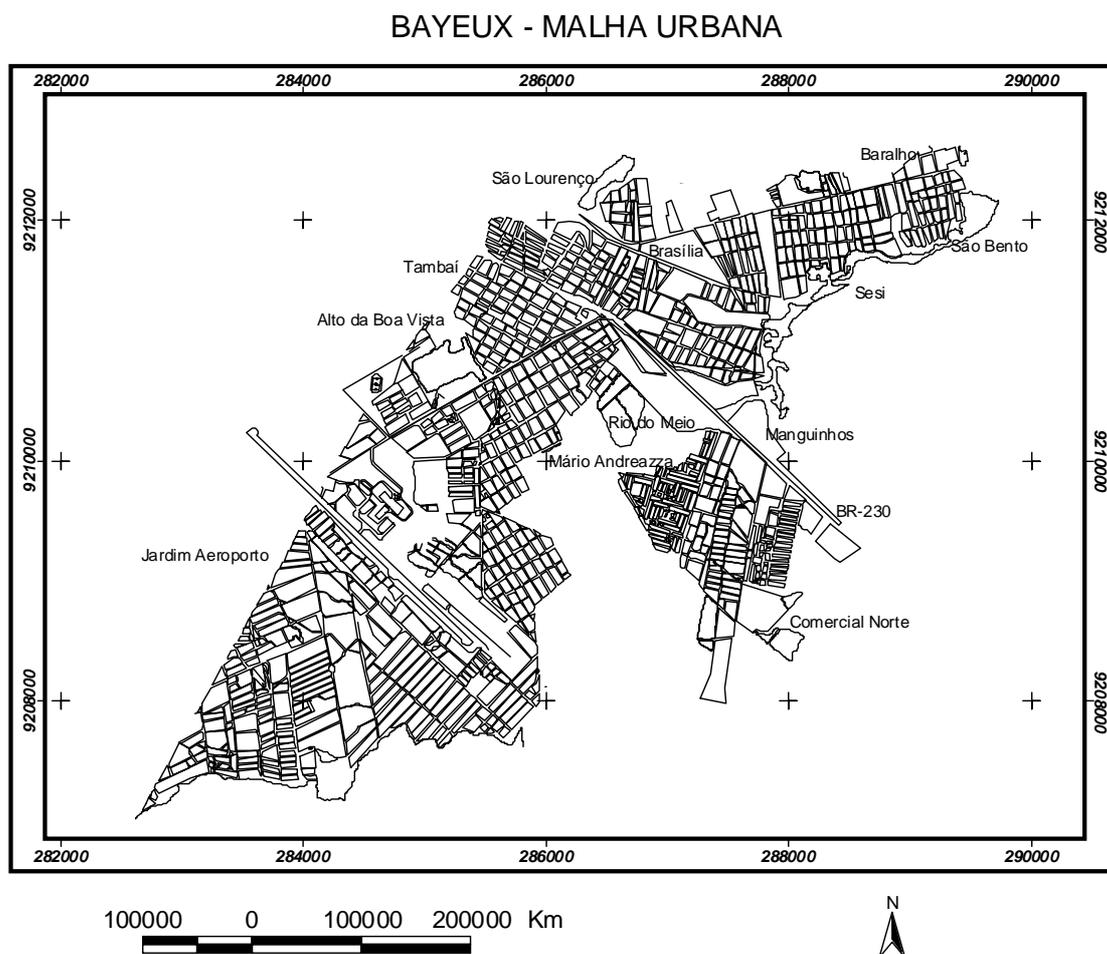
Vista Parcial da Mata do Xém-Xém, relíquia de Mata Atlântica ao sul de Bayeux. (Arquivo: Tarcísio Valério).

Esses limites ecológicos somados à localização geográfica na porção imediatamente a oeste da capital, e a localização da via férrea que liga o município à capital e ao interior, podem ser apontados como alguns dos fatores responsáveis pela forma de corredor no sentido leste-oeste que assumiu inicialmente a ocupação do seu espaço.

Mais recentemente observa-se um avanço do tecido urbano em direção ao sul, nas adjacências do aeroporto Castro Pinto ali localizado, através da construção de conjuntos habitacionais ocupados por populações de baixa renda e de loteamentos que originaram bairros de classe média. Já na área residencial do Centro, a expansão urbana foi praticamente nula, uma vez que este bairro limita-se com a área de mangue situada ao norte, e nas demais direções é completamente circundado por outros bairros (a leste pelo bairro do Sesi, ao sul pela área residencial denominada Imaculada e a oeste pela comunidade de São Lourenço).

A malha urbana municipal (v. fig 4) é composta de 14 áreas residenciais sendo oito situadas ao norte da Br 230 e seis ao sul. A Br-230 e as avenidas Liberdade e Eugênio de Carvalho constituem importantes eixos de circulação ao longo dos quais concentra-se um número significativo de estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços.

Fig. 4

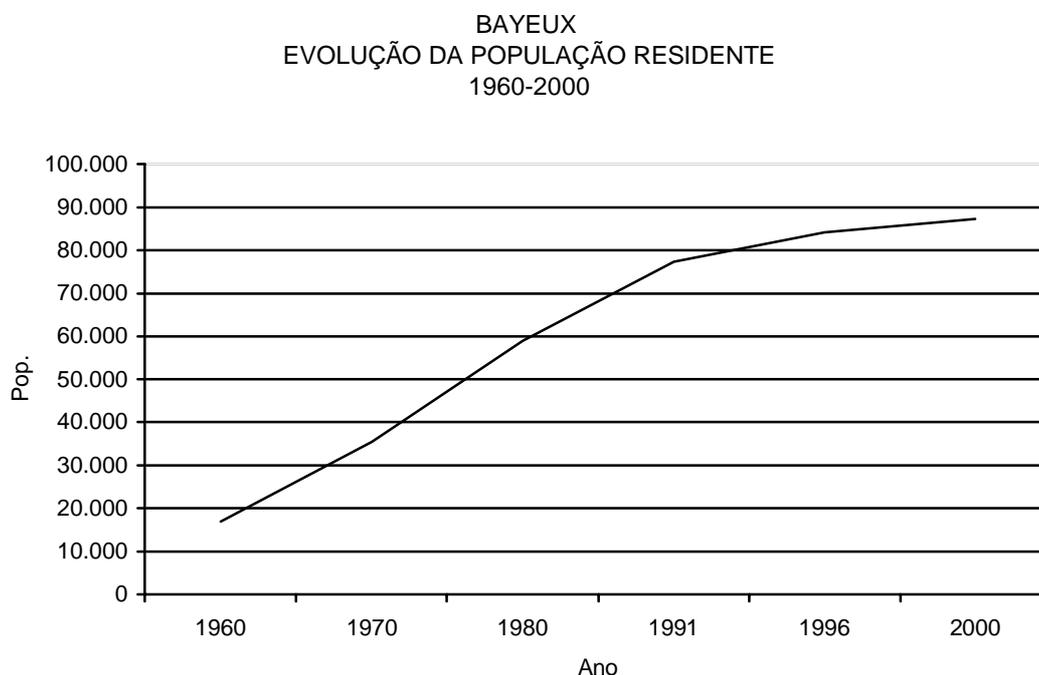


“A exigüidade do território e o domínio de dois geossistemas, o de mata e o de mangue sobre o mesmo, poderiam ter se constituído em elementos de impedimento ao processo de ocupação humana. Não obstante essas limitações Bayeux cresceu, constituindo-se hoje num dos mais populosos e povoados municípios do estado, com uma população de quase 90.000 habitantes” (MOREIRA e TARGINO, 1999).

De fato, o crescimento populacional de Bayeux é incontestável. Em 1960, residiam no município, 16.880 pessoas. Entre 1960 e 1970 a população residente cresceu 110% a uma taxa média anual da ordem de 7,7% (v. gráfico 1 e quadro 1), algo muito superior ao verificado para João Pessoa e para o conjunto do estado no período (3,7% a.a. e 1,6% a.a. respectivamente). Este crescimento persiste depois de 1970, com taxas sempre altas: de 66,1% entre 1970 e 1980; de 31,2% entre 1980 e 1991 e de 8,9% entre 1991 e 1996. O crescimento médio da população municipal entre 1970 e 1996 foi de 137% o que significa que o contingente populacional residente em Bayeux mais do que duplicou em

3 décadas (v. gráfico 1). Entre 1996 e 2000 a população residente em Bayeux cresceu 3,7% (v. gráfico 1).

Gráfico 1



Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991, 2000. Contagem da População de 1996.

Esta população é predominantemente urbana e a taxa de urbanização vem crescendo constantemente, tendo passado de 97,7% em 1970, para 99,7% em 1996 e 99,9% em 2000 (v. gráfico 2). Nesse período a população urbana aumentou 151,7%, passando de 34.636 habitantes em 1970, para 87.298 habitantes em 2000 (v. quadro 1 e gráfico 2).

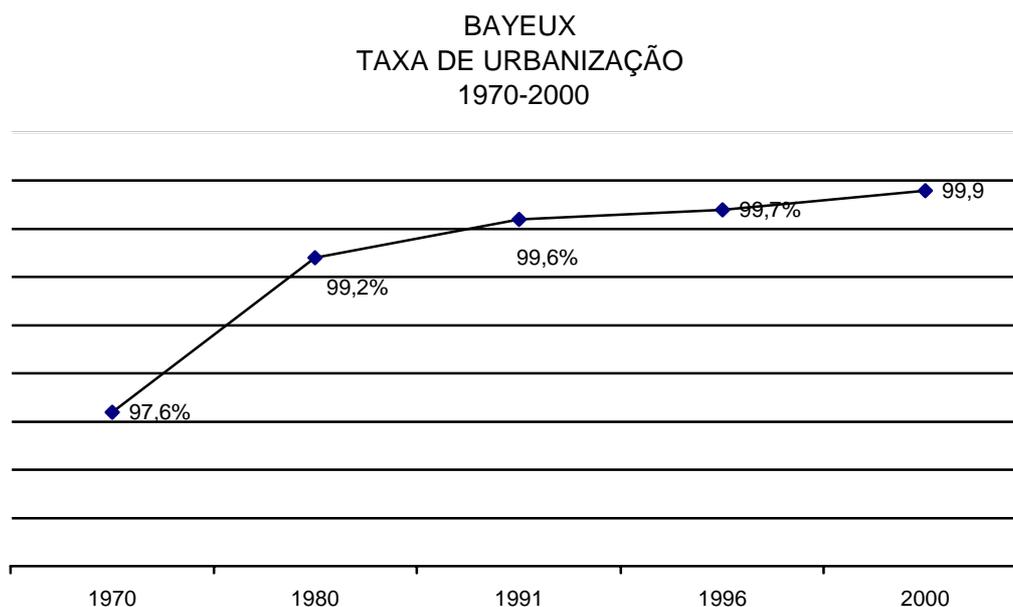
Quadro 1

BAYEUX
EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL E URBANA - 1960/1996

ANOS	POP. RURAL	POP. URBANA	TOTAL
1960	-	-	16.880
1970	828	34.636	35.464
1980	443	58.474	58.917
1991	278	77.047	77.325
1996	211	83.958	84.169
2000	124	87.174	87.298

Fonte: FIBGE. Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991, 2000; Contagem da População, 1996

Gráfico 2



Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991, 2000. Contagem da População de 1996.

O crescimento da população urbana observado no período analisado pode ser em parte explicado pela migração de pessoas vindas principalmente do interior do Estado, predominantemente da área rural. Estudos como o realizado pela Fundação de Assistência Comunitária do estado da Paraíba (FAC) (1996), junto à população residente nas habitações subnormais existentes no município, confirmam tal assertiva. De acordo com a mencionada pesquisa, 83,87% da população residente em habitações subnormais em Bayeux são imigrantes oriundos de outros municípios do Estado da Paraíba (o que representa a maior taxa de imigração verificada entre os municípios de João Pessoa, Cabedelo, Bayeux e Santa Rita), sendo a maior parcela proveniente de municípios situados na várzea do Rio Paraíba. São também encontrados migrantes oriundos de municípios situados no Agreste e no Sertão, particularmente do Curimataú, do Brejo, do entorno de Campina Grande, além de Patos, Pombal, Conceição e Catolé do Rocha. Na sua grande maioria eles têm origem rural (63,08%).

3. PERFIL DO SETOR DE SERVIÇOS DE BAYEUX

De acordo com o censo demográfico de 1991, das 58.940 pessoas com idade superior a 10 anos residentes em Bayeux, 21.558 encontravam-se ocupadas, observando-se, portanto, uma taxa de dependência específica da ordem de 2,7. Isto é, cada trabalhador era responsável, em média, por 2,7 pessoas em idade ativa. O setor

terciário absorvia 14.812 pessoas⁷, representando 68,8% do total do emprego municipal. Esse número dá a dimensão da importância do setor na economia municipal. Essas pessoas estavam distribuídas pelos sub-setores da seguinte maneira: prestação de serviços – 4.641; comércio de mercadorias – 4.288; atividades sociais – 2.222; administração pública – 1.826; transportes e comunicações – 1.238; serviços auxiliares da atividade econômica – 305 e; outras atividades – 292.

Diante da importância do setor terciário mostrada pelos dados censitários, a pesquisa de campo procurou traçar um perfil mais detalhado do setor, como será visto a seguir.

Em 2001, a pesquisa por nós realizada identificou 1.151 estabelecimentos de serviços distribuídos pela malha urbana de Bayeux segundo as seguintes categorias de serviços: alojamento e alimentação (bares, lanchonetes, hotéis e motéis); diversão; prestação de serviços em educação; prestação de serviços em saúde; prestação de serviços pessoais (salão de beleza, manicure e pedicure, serviços religiosos, cabeleireiro(a) e barbearia.) e serviços de reparação-manutenção e conservação (oficinas mecânicas, eletro-eletrônicas, oficinas de bicicletas, borracharias, conserto de eletrodomésticos e serviços de costura) (v. figura 5).

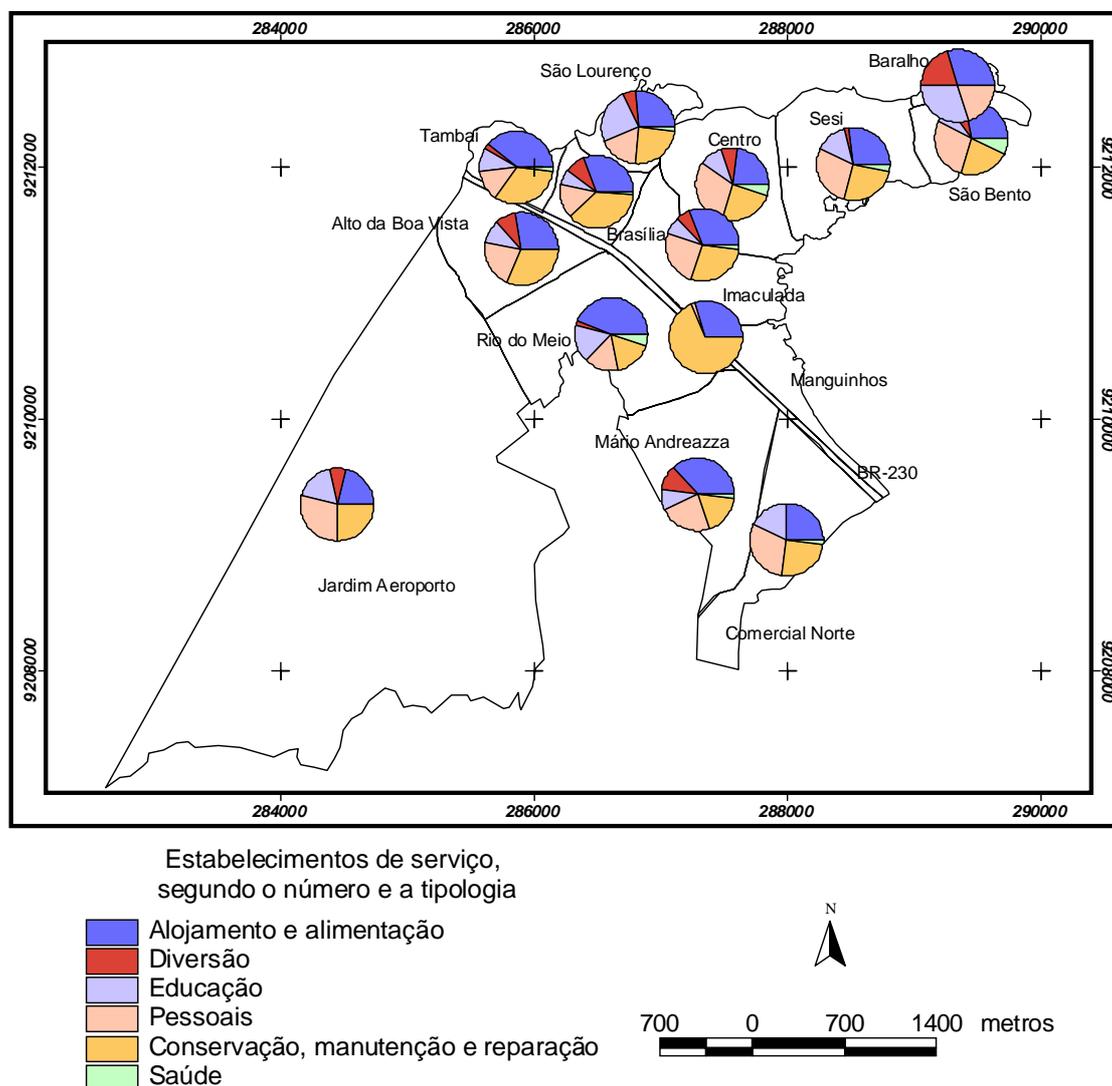
A distribuição das atividades de serviços no espaço urbano de Bayeux se dá de forma diferenciada segundo os tipos de serviços e a estratificação social refletida no espaço através da renda fundiária. Assim, a via de circulação compreendida pela articulação das Br 230/101 possui uma maior concentração de estabelecimentos de serviços de manutenção-reparação e conservação.

A distribuição dos estabelecimentos de serviço de educação está concentrada na porção norte da cidade, nas áreas de ocupação mais antiga (v. fig. 5). Os estabelecimentos de serviços de saúde (hospitais, postos médicos, clínicas médicas e laboratórios de análise) além de pouco numerosos concentram-se em apenas três bairros. Já os estabelecimentos de serviços de alimentação (bares, lanchonetes, etc.) e de serviços pessoais têm uma distribuição mais homogênea pelos diferentes bairros da cidade, não obstante apresentarem um certo grau de diferenciação no tocante ao porte e à qualidade dos serviços prestados (v. fig. 5).

⁷ Embora o setor terciário seja a atividade econômica dominante, o setor industrial também detém a sua relevância. Ele abrigava 29,03% do pessoal ocupado no município. Ao longo da última década, essa importância foi acrescida em virtude da implantação de várias unidades industriais, atraídas pelos incentivos fiscais oferecidos pelo Estado.

Fig. 5

BAYEUX
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS DE SERVIÇOS - 2001/2002



Após o mapeamento dos estabelecimentos de serviço, o que permitiu a identificação de sua distribuição espacial, a pesquisa procurou estabelecer uma configuração mais detalhada dessa atividade a partir de uma investigação mais detalhada no bairro que apresenta a maior representatividade de estabelecimentos de serviço presentes no espaço urbano municipal, o Bairro do Centro. Os principais resultados são expostos a seguir.

Dos 162 estabelecimentos de serviço localizados no bairro do Centro foram investigados 50, ou seja, 30,9% do total. Constatou-se que predominam os serviços pessoais (36 % do total), seguidos dos serviços de manutenção, conservação e recuperação (34% do total) e os estabelecimentos de alojamento e alimentação (20% do

total). Os serviços de diversão e de educação são menos numerosos. Somados representam apenas 8% do total dos estabelecimentos investigados. Dentre os empreendimentos de serviços pessoais analisados, destacam-se os seguintes: cabeleireiro (26,3%); costura em geral (10,5%); serviços de fotografia (10,5%); manicure e pedicure (10,5%). Dos estabelecimentos de serviços de manutenção, conservação e recuperação sobressaem as oficinas mecânicas (26,7%), consertos de bicicletas (13,3 %) e consertos de geladeiras (13,3 %).

São diversos os fatores que contribuíram para a instalação dos estabelecimentos de serviços no município. Dentre os mais citados, pode-se relacionar em ordem decrescente de importância os seguintes: a) necessidade de manutenção da família; b) habilitação profissional do responsável pelo estabelecimento; c) falta de estabelecimentos ou de profissionais do ramo no local; d) falta de emprego e; e) ampliação da renda familiar.

No que se refere ao pessoal ocupado nos estabelecimentos de serviço situados no Bairro do Centro, tem-se que os estabelecimentos pesquisados ocupam 155 pessoas o que equivale em média a 3,1 trabalhadores por estabelecimento. Com efeito, a quase totalidade dos estabelecimentos (46) tem menos de nove empregados, podendo ser caracterizados como micro unidades produtivas, segundo o critério do SEBRAE. Apenas um estabelecimento com mais de 50 trabalhadores, a Viação Rio Tinto, insere-se entre os pequenos estabelecimentos de serviço, segundo a metodologia citada anteriormente. Das 155 pessoas ocupadas 47 fazem parte da família dos proprietários (30,3%). Estas trabalham em 22 dos 50 estabelecimentos pesquisados. Quando se levantou o grau de parentesco dos familiares ocupados nos estabelecimentos verificou-se a predominância dos filhos, seguidos dos cônjuges, irmãos, primos e sobrinhos.

Do total de trabalhadores ocupados nos estabelecimentos 48,2 % percebem de 2 a menos de 3 salários mínimos (55 trabalhadores). Grande parte desse pessoal trabalha na empresa de ônibus Rio Tinto. Chama porém a atenção, o número de trabalhadores que percebem uma remuneração mensal inferior a 2 salários mínimos (42,9% do total do pessoal ocupado que compôs a amostra). Desses, um percentual bastante significativo (de 36,8%), percebe menos de 1 salário mínimo (42 trabalhadores). Apenas 5 estabelecimentos (10% do total) concedem algum tipo de benefício aos trabalhadores quais sejam ticket alimentação, plano de saúde e vale transporte.

O grande número de trabalhadores do setor de serviço que percebe menos de 1 salário mínimo, caracteriza o que George (1970: p.224) chamou de:

“desempregados parciais, multidões de biscateiros trabalhando algumas horas por dias e alguns dias por mês para fugir à miséria, trabalhadores ilusórios que vendem todos os dias, seja sua força de trabalho ou até mesmo suas mercadorias”.

É importante destacar que as pessoas ocupadas que percebem mais de 5 salários coincidem com os proprietários dos estabelecimentos.

No que tange ao grau de escolaridade do pessoal ocupado a maioria dos trabalhadores apresenta baixa escolaridade. É alto o índice de analfabetismo (22,8% das pessoas ocupadas não sabem ler ou escrever e 27,8% não possuem o primeiro grau completo). Apenas 1,3 % dos trabalhadores possuem o terceiro grau completo (2 trabalhadores). Esse baixo nível de escolaridade pode estar relacionado, segundo Chahad (1992: p.511), à baixa qualificação profissional que caracteriza a força de trabalho no setor informal. Ao se referir ao circuito inferior da economia Santos também tece algumas considerações nesse sentido, afirmando que

“o circuito inferior constitui também uma estrutura de abrigo para os cidadãos antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional [...] O ingresso nas atividades do circuito inferior geralmente é fácil, na medida que, para isso, é mais necessário o trabalho que o capital” (1979: p.159-160).

Foi observado um elevado grau de informalidade nos estabelecimentos do setor de serviços investigados. Dos 50 estabelecimentos objeto de pesquisa 34 (68%) declararam constituir-se em serviço informal. Essa informalidade se expressa através de alguns indicadores tais como: a) a forma desregulamentada do trabalho: 51,9 % dos trabalhadores não possuem carteira assinada; b) a ausência de razão social dos estabelecimentos: 64% dos estabelecimentos investigados declararam não possuir razão social; c) a falta de Cadastro Geral do Comércio (CGC) junto à Prefeitura: 62% dos estabelecimentos pesquisados não possuíam CGC nem recolhiam qualquer imposto junto ao estado ou ao município.

A maior parte dos trabalhadores residem no próprio município (140 trabalhadores) o que representa 88,6 % do total analisado. Apenas 11,4 % não moram em Bayeux. Seus locais de moradia ficam no entorno do município, nas cidades de Santa Rita, João Pessoa e também em Rio Tinto. Apesar de residirem em sua maior parte na cidade de Bayeux, a grande maioria dos entrevistados (89%) ou são naturais de

outros municípios do estado ou são filhos de migrantes, sobretudo oriundos da zona rural do Agreste e do semi-árido paraibano.

O caráter de “estratégia de sobrevivência” da maior parte dos estabelecimentos é evidenciado pela resposta dada ao quesito sobre o destino dos “ganhos”: 18 afirmaram que os “ganhos são utilizados para reposição de mercadorias e manutenção da família (36 % do total); 10 (20% do total) declararam que os ganhos destinam-se à manutenção da família, aí incluídos gastos com pagamento de luz, água e gás; 4 (8% do total) afirmaram destinar os ganhos tanto à reposição de mercadorias como à; 5 declararam destinar os “ganhos” só para a reposição de mercadorias e 13 (26%), não quiseram informar.

A pesquisa confirma o que Santos (1978) já observara nos seus estudos, que os serviços do setor terciário estão voltados para:

“a sobrevivência e a garantia de satisfação das necessidades da família no dia-a-dia a qual é a preocupação mais importante” (SANTOS, 1978: p.42).

Apenas 21 responsáveis pelos estabelecimentos mostraram interesse em capacitar o pessoal ocupado. De acordo com a especificidade dos estabelecimentos os cursos de capacitação para a mão-de-obra indicados variam desde curso de treinamento para garçom a cursos de mecânica, de administração de empresa, de manicure e pedicure, de serviços de beleza em geral, de química etc.

No que se refere à receita líquida dos estabelecimentos relativa ao ano de 2001, 26% declararam uma receita inferior a R\$ 1.000,00; 34% declararam uma receita entre R\$ 1.000,00 e menos de R\$ 5.000,00; 8% declararam uma receita entre R\$ 5.000,00 e R\$10.000,00 e 0,04% declararam uma receita acima de R\$ 10.000,00; 28% dos estabelecimentos não declararam sua receita.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto pode-se inferir que, o setor de serviços de Bayeux funciona como um “amortecedor” e um “refúgio” para a massa de trabalhadores desocupada que não foi incorporada aos outros segmentos do mercado de trabalho no município (o setor industrial e comercial). Isso fica claro quando se percebe a presença significativa no seio da força-de-trabalho, de trabalhadores com rendimentos inferiores a 1 salário mínimo e sem carteira de trabalho assinada, bem como de proprietários dos

negócios com receita líquida anual abaixo de R\$ 5.000,00 (60% dos responsáveis pelos estabelecimentos que declararam a receita líquida de 2001). É como se não lhes restasse outra escolha para sobreviver minimamente e aquela fonte de renda fosse indispensável para a manutenção da família.

No que tange a qualificação da mão-de-obra, o setor de serviço de Bayeux caracteriza-se pela baixa qualificação profissional. Verificou-se com base nos dados obtidos, que os trabalhadores não dispõem de cursos profissionalizantes e são poucos os estabelecimentos que recebem ou receberam assessoria técnica. Essa baixa qualificação profissional está sem dúvida relacionada ao baixo padrão de escolaridade e a baixa capacitação técnica, que contribuem para impor limites à mobilidade social do trabalho e constituem impeditivos para a incorporação da mão-de-obra em atividades que exigem melhor preparo. Isso reforça a afirmativa de Cavalcanti (1983), quando diz que o setor terciário proporciona ocupação para pessoas, que de outro modo, não teriam onde trabalhar. A literatura sobre o setor terciário que aborda a composição do segmento informal refere-se também ao fato dele ser formado predominantemente por trabalhadores sem sucesso, que são, na sua maioria, pobremente educados e/ou fruto de migrações recentes do mercado de trabalho formal (DOURADO e NEVES, 1998: p. 4). Desse modo, o segmento informal do setor terciário se constituiria num receptáculo de pobres urbanos e da massa de migrantes recém chegada à cidade que, sem perspectiva de obter um posto de trabalho assalariado, refugia-se nesse setor (CACCIAMALI, 1983: p.40).

A expansão do setor terciário em um centro urbano de médio porte como Bayeux se deve a fatores como a concentração da propriedade fundiária e a incapacidade do setor industrial em absorver camadas consideráveis da população ativa da cidade, principalmente aquela “expulsa” do campo. Esses fatores corroboram para tornar o setor de serviços uma das saídas para a falta de postos de trabalho. Nessa perspectiva, grande parcela das atividades tradicionais de serviços seria a única possibilidade de ocupação de amplos setores da população, portadores de baixa qualificação, significando, conseqüentemente, subemprego e exclusão social (DWECK, 2000: p. 2).

Assim, se a informalidade excessiva do setor de serviço gera, de um lado, problemas quanto à qualidade dos postos de trabalho, por outro lado, proporciona oportunidades de emprego para uma grande parcela da população que não consegue

inserir-se no mercado formal da economia urbana seja por falta de qualificação, seja pelo próprio estreitamento desse mercado, cada vez mais excludente.

No que se refere aos circuitos da economia urbana, a maioria dos serviços de Bayeux estão inseridos no circuito inferior. Para Santos (1979: p. 157), o circuito inferior é mais comumente chamado de terciário na literatura referente à urbanização dos países subdesenvolvidos: terciarização tornou-se a expressão consagrada para definir as atividades e as situações de emprego resultantes de uma urbanização sem industrialização.

É bem verdade que, segundo os dados levantados, a maioria dos serviços de Bayeux se baseia no trabalho familiar, na baixa remuneração, no trabalho desregulamentado, no trabalho autônomo, o que de fato configura uma situação típica do circuito inferior da economia urbana definido por Santos (1979). Todavia, não podemos deixar de ressaltar que além dos serviços estudados são encontrados também na cidade serviços médicos privados, serviços de advocacia, de transporte, serviços bancários, educacionais privados, entre outros que não podem ser inseridos de modo generalizado no circuito inferior da economia urbana simplesmente porque fazem parte do setor terciário. Pode-se mesmo afirmar que há uma integração dos dois circuitos, o superior e inferior percebida através da análise das informações anteriormente explicitadas. O processo de aquisição de equipamentos para as instalações dos serviços, o transporte de equipamentos e produtos acaba por integrar os dois circuitos através do comércio e dos transportes.

Faz-se mister ressaltar que a utilização da teoria dos circuitos criada por Milton Santos, em virtude das mudanças que vêm tendo lugar na estrutura produtiva e das novas formas de (re)produção do espaço urbano determinadas pelo desenvolvimento do capitalismo, deve ser utilizada como ponto de partida nos estudos do terciário. A geografia como as demais disciplinas que têm demonstrado interesse pelo tema devem retomar a discussão na busca de novos paradigmas que consigam responder aos desafios da realidade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia Econômica: condições econômicas e sociais. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1980.

BRASIL, Patrick Morais. *Impactos da guerra fiscal sobre a arrecadação do ICMS no estado da Paraíba (1995-2000)*. João Pessoa, UFPB, Monografia de conclusão de curso de Economia, 2003.

CACCIAMALI, Maria Cristina. *Setor informal urbano e formas de participação na produção*. São Paulo: IPE-USP, 1983.

CAVALCANTI, Clóvis. *Viabilidade do setor informal: a demanda de pequenos serviços no Grande Recife*. 2. ed. Recife: Editora Massangana; SUDENE, 1983.

CHAHAD, José Paulo Zeetano. *Estabilização e desemprego em tempo de mudança: realidade e desafios no caso brasileiro*. 2., João Pessoa. In: Anais do II Encontro Regional da ABET. João Pessoa: Editora Universitária., 1992. Vol. II.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.

DOURADO, Débora Paschoal ; NEVES, Jorge Alexandre. *Os trabalhadores da atividade de jogo do bicho do Recife e região metropolitana: alguns traços do mercado de trabalho informal*. Recife: PROPAD, 1998.

DWECK, Ruth Helena et al. *Os serviços no Brasil: crescimento e emprego 1985/1995*. 2., João Pessoa. In: Anais do II Encontro Regional da ABET. João Pessoa: Editora Universitária., 1992. Vol. II.

DWECK, Ruth Helena et al. *É possível uma política para o setor serviços ?*. Brasília: /s.n./2000.<http://www.ipea.gov.br/pub/td/td0457.pdf>.

GEORGE, Pierre. *Panorama do mundo atual*. 3. ed. São Paulo: Difel, 1970. 254 p.

_____. *Populações Ativas*. São Paulo: Difel, 1979.

GUIMARÃES NETO, Leonardo. *O emprego urbano no Nordeste: situação atual e evolução recente 1950/70*. Recife: BNB, ETENE, GEDUR, 1976. 152 p.

IDEME. *Anuário Estatístico da Paraíba*. João Pessoa, 1999. 1 CD-ROM. Delphi, PC-XT.

_____. *Anuário Estatístico da Paraíba de 1998*. João Pessoa, 1998.

IBGE. *Censo Econômico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1985.

_____. *Censo dos Serviços da Paraíba*. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

_____. *Censo Demográfico de 1991*.

NUN, José. *Superpopulação relativa, exército industrial de reserva e massa marginal*. In PEREIRA, L.(org). *Populações marginais*. São Paulo: Duas Cidades Editores, 1978.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 345 p.

_____. *Pobreza urbana*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1978. 111 p.

SOUZA, Paulo Renato. *Emprego, salário e pobreza*. São Paulo: HUCITEC, 1980.